

A ALFABETIZAÇÃO TRANSCENDE O ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA?

Roberto Deitos

Para muitos homens nutridos nas letras a alfabetização transcende o ensino da linguagem escrita? Esta indagação pode parecer ingênua e descabida de sentido epistemológico, isto porque ainda defendem a tese de que a alfabetização pressupõe unicamente o uso correto da linguagem escrita e oral de acordo com os estereótipos da língua oficial. Evidentemente, se faz necessário o uso “correto” da língua como forma de compreensão e apropriação da realidade.

Mas o que se vê na realidade é a valoração da tese tradicional de alfabetização, isto é, a criança ao chegar à escola é comparada a uma tábua rasa, onde o professor, detentor de muitas excelências, irá preencher o espaço com os conteúdos necessários à formação integral da criança. Assim, a “ignorância” cederá lugar à “alfabetização” formativa necessária para que a criança se torne “cidadã do mundo”.

De modo geral a escola e professores ainda centram sua ação pedagógica nos processos “tradicionais de alfabetização” sem levar em consideração a subjetividade da criança, isto é, as experiências vivenciadas pela criança, desde o nascimento até a chegada na escola. As crianças não são consideradas como ponto de partida para intercambiar o socialmente vivido com os processos epistemológicos de alfabetização. Poderíamos acreditar que a criança que não aprender, segundo os “pressupostos da cartilha”, os conhecimentos “universais”, está fadada ao fracasso no processo de aquisição do conhecimento.

Hoje é prática geral primar pelo *número* de conhecimentos assimilados do que pela *qualidade*, isto é, ainda prima-se pelo aspecto quantitativo e muito pouco pelo qualitativo. A este respeito, quando

se analisa dados educacionais, obtidos através de pesquisas ou de outros mecanismos, geralmente olha-se somente o aspecto quantitativo, como se fosse o único dado relevante e socialmente aceito. Muitos tutores da educação trilham este caminho para responder a certas exigências (de organismos internacionais e/ou de estatísticas de plataformas eleitoreiras) não valorizando a *síntese* da teoria e da prática. A exemplo disso, os órgãos competentes afirmam que no ano 2000 teremos 96% das crianças entre 7 e 14 anos alfabetizadas. Mas, diante disso, cabe uma pergunta: será que este percentual significará, no Novo Milênio, adolescentes preparados e conscientes das transformações sociais, políticas e econômicas advindas das evoluções tecnológicas e da reengenharia?

A indagação, a meu ver, é profunda e preocupante na medida em que nos leva a questionar dois pressupostos básicos da alfabetização: 1º) o caráter social da escola e 2º) a formação do professor. A primeira nos leva à seguinte indagação: a escola têm contribuído para transformar a criança num ser pensante, com habilidades para criar e resolver situações emergenciais de forma crítica e contextualizada, ou, ao contrário, num ser capaz de memorizar o maior número possível de regras gramaticais - embora se reconheça necessárias à formação da criança - destituídas de significância social e política? A segunda nos leva à seguinte questão: hoje, o professor está **preparado** para “ensinar” a criança diante das complexidades do “novo paradigma” social, econômico e político?

As indagações e considerações propedêuticas são relevantes para aprofundarmos a questão inicial: **a alfabetização transcende o ensino da linguagem escrita?** Primeiramente, por “transcender” entendemos ir além do aspecto meramente da forma-conteúdo, enfatizando essencialmente a coerência sem dicotomizá-la. Em segundo lugar, assim como é fundamental o processo de alfabetização também o é, na mesma medida e intensidade, a concepção da escola e do educador, pois deve-se “ensinar” não só os aspectos forma-conteúdo da alfabetização, mas também o conteúdo implícito da relação forma-conteúdo com o contexto mais amplo, isto é, a ideologia subjacente tanto num como noutro.

Para clarificar o que foi colocado anteriormente, vejamos uma situação bastante comum que é a questão do **fracasso escolar** cuja responsabilidade, na maioria das vezes, recai sobre o educando.

Para Jaqueline MOI.L., o fracasso escolar não é culpa única e

exclusiva do educando, que não consegue memorizar “mecanicamente” as infinitas regras gramaticais da língua escrita, nem a falta de “capacidade” cognitiva da criança, mas sim a concepção tradicional de educação da escola e a falta de preparação do alfabetizador: “... a ação da escola - mediadora do fracasso e do analfabetismo - pauta-se em mecanismos intra-institucionais caracterizados pela neutralidade do saber e pelo autoritarismo das relações educador e educando”¹.

Quando se fala em alfabetização, se quer dizer, na verdade, formação integral do educando, e não apenas o acúmulo de significados, muitas vezes, insignificantes para a criança. Mudar o enfoque significa redimensionar não só o trabalho pedagógico do educador, mas também a visão de educação e de mundo. O educador deve considerar todas as possibilidades concretas e reais de aprendizagem, ou seja, deve considerar todos os conhecimentos que ela traz do seu meio social e as muitas experiências socializadas anteriores à sua chegada na escola. Sem dúvida, transcender a esfera formativa pode em muito contribuir para que a alfabetização se concretize de fato. O sucesso da alfabetização está na compreensão que o educador tem a respeito da teoria e da bagagem cultural do educando de forma que possa conduzi-lo à alfabetização no seu sentido mais profundo e concreto.

Na acepção de Emília FERRERO, deve-se dar oportunidades concretas para que a criança desenvolva seu potencial evolutivo na apropriação não só da linguagem escrita, mas, principalmente, retraduzir o que a criança escreve diariamente para, então, auxiliá-la na compreensão da representação gráfica de sua oralidade e significação. De acordo com Emília FERRERO, “... na aprendizagem da linguagem oral ou do desenho, considera essencialmente, nas primeiras etapas, dar o máximo de ocasiões para produzir e interpretar escrita, que irão se aproximando do modelo adulto...”².

A alfabetização deixa de ser um processo mecânico e passa a assumir um processo dialógico na interpretação e na construção da realidade da criança através da apropriação da linguagem escrita e oral. Um dos erros da escola “tradicional” é desconsiderar o mundo social da criança ao mesmo tempo que alfabetiza. Ainda hoje persiste a prática de leitura e interpretação de textos alheios à realidade da criança. Neste sentido, ela não só não encontra nexos da linguagem escrita com o mundo como encontra dificuldades de decifrar os signos,

isto é, pode até “aprender” a grafia “correta”, mas terá grandes dificuldades de decodificar o caráter dialógico da palavra com o seu significado mais profundo.

A esse respeito, uma das contribuições mais importantes de Paulo FREIRE diz respeito ao que ele chama de palavra mundo, ou seja, “... a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”³.

Paulo FREIRE foi muito feliz quando revelou esta concepção, isto é, revelou a possibilidade de tornar a leitura do mundo e da linguagem escrita como elementos indissociáveis da alfabetização. Desse modo, a criança sentir-se-á estimulada em interagir-se com o mundo e com a palavra, tornando signifiante o significado.

O papel da escola e o compromisso do educador é fazer com que cada criança se sinta sujeito e cidadão do mundo. O desafio é fazer com que cada criança seja capaz de estar no mundo e, ao mesmo tempo, ler esse mundo ao qual ela faz parte, não como um coadjuvante mas como um sujeito ativo e reativo.

É mister salientar que a língua é o único elemento que pode refletir a cultura, os valores, as relações sociais, as concepções de mundo. Por esse motivo, transcender os processos de alfabetização significa uma mudança na concepção de “ensinar”.

Diante das novas situações sociais, econômicas e políticas, o educador é chamado a criar novas perspectivas de alfabetização que sejam significativas à criança, que a tornem um sujeito do e para o mundo. Nesta perspectiva, a criança estará sendo preparada não só para apropriar-se da linguagem escrita, mas, principalmente, para a vida em sociedade. Em outras palavras, a escola e o educador estarão preparando a criança para construir uma nova sociedade consciente através de conhecimentos que realmente sejam necessários a ela e à sociedade.

Segundo Emília FERRERO, “... os professores que se atrevem a dar a palavra às crianças e a escutá-las descobrem rapidamente que seu próprio trabalho se torna mais interessante (...). Embora seja mais difícil, porque os obrigue continuamente a pensar”⁴.

Através deste comportamento ativo, reflexivo e dialógico buscaremos novas matrizes educacionais que realmente estejam voltadas para desenvolver as habilidades criativas e imaginativas da criança. A criatividade, criticidade e imaginação são meios necessários para que a criança transcenda a apropriação da linguagem escrita e

torne-se um ser pensante, ativo, criativo e crítico diante do mundo cultural e social. Eis porque lancei a indagação inicial, pois acredito que nós, educadores, temos condições e capacidade para mudar o estabelecido e reverter o atual quadro educacional. Buscar novas alternativas requer compromisso e responsabilidade. Precisamos “formar” educandos críticos e cidadãos do mundo de fato e de direito, isto é, educandos que tenham oportunidades de construir uma nova sociedade com base no conhecimento e na solidariedade. Certamente, estes transcenderão o significante e interpretarão o significado, pois o significante revela a intencionalidade da palavra.

Notas

- ¹. Jaqueline Moll.
- ². Emília Ferrero.
- ³. Paulo Freire.
- ⁴. Emília Ferrero.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubens. **Conversas com que gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1983.
- BECKER, Fernando. **A Epistemologia do professor**: o cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GADOTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 1985.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível**: reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. São Paulo: Cortez, 1984.